1.º anno | Lisboa, 21 de julho de 1884 | Numero 4

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

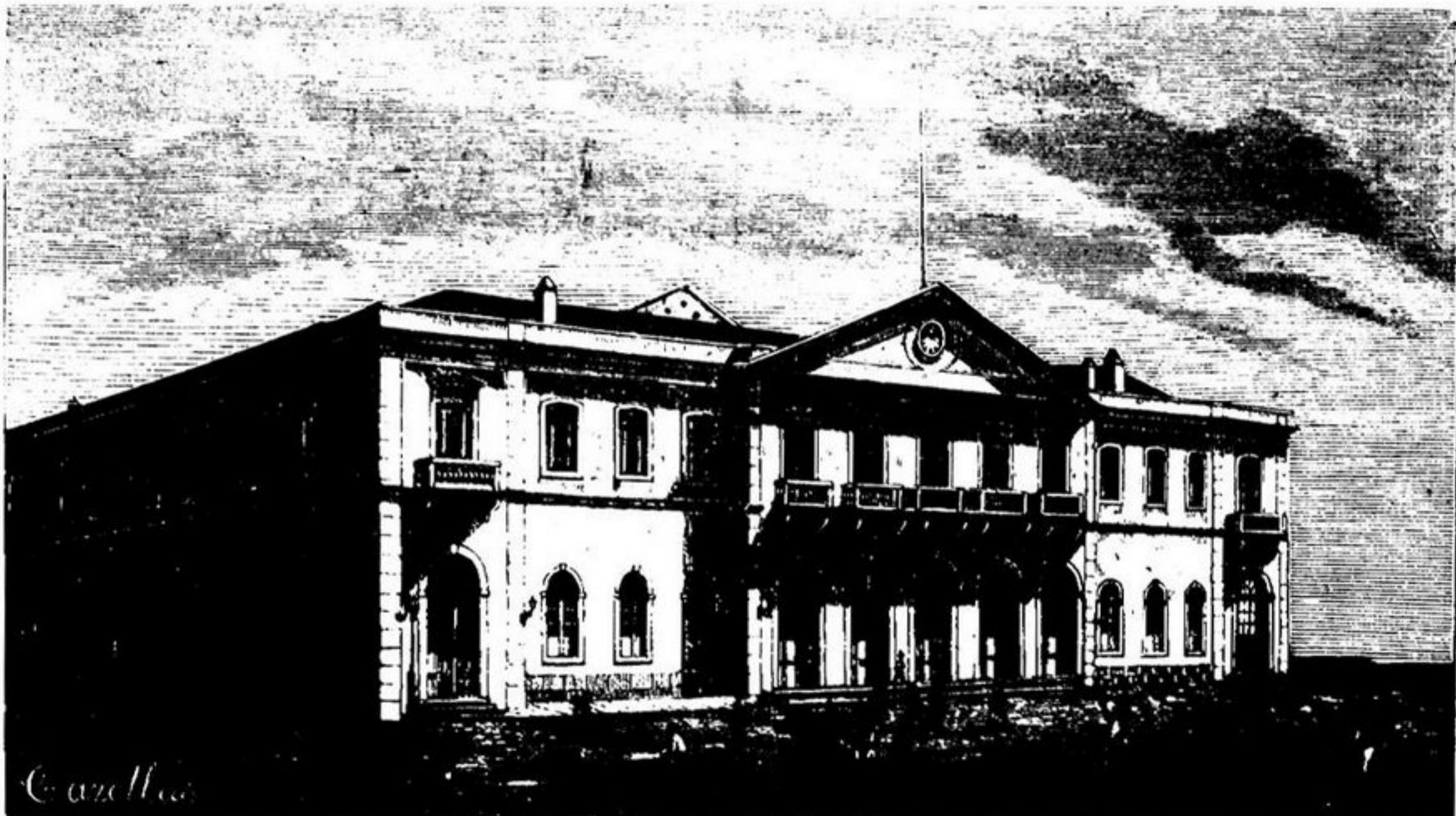
SUMMARIO

CHRONICA

O certamen phylarmonico na Tapada da Ajuda e a serenata no Tejo. Musica por toda a parte.—A magica dos Recreios.—Echos theatraes. —O caso da marqueza hespanhola e a chronica.—Torneio grammatical sobre o cholera.—Preoccupações dos parisienses.—Microbio e desinfectante.—Uma receita contra o flagello.

Pouco movimentada a semana, mas, em compensação, muito lyrica, tendo por caracteristico principal umas exhuberancias musicaes, que se manifestaram desde a Tapada da Ajuda até ao crystalino Tejo.

No recinto perfumado da Exposição Agricola, onde pairam ainda os ultimos echos festivos da *Kermesse*, um certamen de phylarmonicas populares. Nas aguas limpidas e espelhadas do rio feiticeiro, uma bella serenata promovida por duas reaes associações —a Naval e a de Amadores de musica—qual d'ellas mais enthusiasta por Chopin e Mendelsshon.

Reservemos para outra chronica o *compte-rendu* d'este delicioso passeio fluvial, com as suas esplendidas barcarollas venezianas e os accordes sonoros das suas fanfarras imponentes. O certamen da Tapada abriu a semana que hoje finda, e para elle voltaremos especialmente as nossas attenções de chronista, como para elle, tambem, se voltaram, no domingo, os nossos ouvidos de amador.

ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE E LESTE

Formoso e alegre aquelle combate lyrico dos filhos do povo! Em todo o caso, devemos dizel-o, foi uma verdadeira providencia, que muitas mil almas agradecem reconhecidas, o não se ter adiado a sua realisação.

Na capital corria a gente o grave risco de ensurdecer a cada passo, atordoado pelo tum-tum de quantas phylarmonicas se preparavam para a grande batalha, em expansões soturnas de contrabaixos apopleticos e lamurias estridulas de clarinetes desafinados.

Depois, o *microbio* phylarmonico, á falta de cordão sanitario que lhe contivesse os impetos e de acido phenico que lhe entorpecesse os vôos, não se limitou a pairar nos ambitos de Lisboa: contaminou os arrabaldes, levou o contagio até Almada, estendeu-se ao Beato Antonio, alastrou-se por fóra de portas, o desalmado, despertando os trombones adormecidos da *Incrivel Almadense*, acordando as flautas somnolentas da *Recreação Civilisadora* e os cornetins estremunhados da *União e Desejo*.

Nem havia, ao menos, a suprema consolação de fugir para as sorridentes paragens campezinas dos arredores. Não nos restava o extremo refugio da Outra-Banda com o Tejo de permeio. A *Fanfarra de Caneças* lá estava, d'um lado, ameaçadora e terrivel, com as suas trompas furibundas, e do outro lá nos surgiam os *Prussianos do Seixal*, com o sol-e-dó escarninho dos seus flautins desapiedados e insolentes.

Arriscar um passo fóra de casa, era topar logo com o bombo trovejante d'uma phylarmonica em tirocinio lyrico, de que irrompiam a flux imprecações satanicas, tempestades medonhas, estampidos infernaes e aterradores.

No campo, musica; na cidade, musica; áquem e alem Tejo, intra e extra-muros, idem, idem... Musica por toda a parte e a todas as horas, roubando ás almas christãs o suave remanso das noites estrelladas e as doces quietações do leito, desorientando-nos na faina do jornalismo, difficultando-nos a digestão, fazendo-nos entrever, em sonhos horriveis, a infeliz *Norma* barbaramente assassinada, e o pobre *Attila* espatifado ás mãos de instrumentistas deshumanos!

O' cruelissimo *comité* executivo da Exposição Agricola! Tu, que alimentaste no cerebro a peregrina idéa de chamar a certamen musical todas as phylarmonicas de Lisboa e circumvisinhanças, para outhorgares á melhor d'ellas o premio de honra votado pela tua magna philantropia, tem dó dos nossos ouvidos flagellados durante longas semanas; poupa-nos ao supplicio dos preparos atormentadores para novo concurso.

E não vás agora imaginar que sentimos um profundo horror pela arte. Na Tapada, juntámos o nosso applauso sincero aos applausos phreneticos de 6:000 ouvintes, quando a victoriosa do certamen,—a *Real Fanfarra de Caneças*, fazia vibrar os seus metaes resplandecentes como espelhos, na execução primorosa d'um *Potpourri* do *Fausto*. Mas, pelo que toca á *Eutherpe de Bemfica*, aos *Alumnos d'Apollo* e aos ensaios estopantes dos *Filhos de Minerva*... Sobre tudo livra-nos da praga dos ensaios, ó misericordioso Eduardo Coelho, se não queres que nós façamos concorrencia á Exposição, creando um premio destinado á phylarmonica que menos nos caustique!

=Cerradas as portas do Colyseu, abriram-se, como que por encanto, as do theatro visinho, exhibindo-nos as transformações e as visualidades d'uma alegre magica.

Dizemos alegre, por que nos fez rir de quando em quando, com as suas facecias desopilantes e as suas tolices chistosas. De resto, não se recommenda por outra qualidade, nem cremos que possa seduzir alguem com a sua *mise enscène* modestissima.

Em risco de provocar um sorriso desdenhoso aos espiritos fortes, nós confessaremos á puridade que nunca nos desagradou aquelle genero de peças.

Uma magica não será *pschutt*, como dizem os *boudinés* do *sport*, mas transporta-nos aos tempos da nossa meninice saudosissima, embalada por mil historietas de principes encantados, de apparições infernaes, e de anjos bons, que protegiam qualquer simples mortal seu dilecto, contra as iras de Satanaz.

Tudo isto a magica dos Recreios nos faz passar em revista diante dos olhos, gravando no nosso espirito uma impressão agradavel e boa.

Os artistas que a representam são os pequeninos do palco, os humildes da Arte, os que a fortuna teima em não querer bafejar. Não provocam os desdens ou as vergalhadas da critica com uma filaucia insolente; imploram d'uma fórma digna a philantropia do publico, e isso basta para que lhes estendamos generosamente a mão.

=Poucas novidades theatraes além da que deixamos registrada.

Espera-se que Paris nos envie brevemente, para o Colyseu, sem miasmas cholericos na bagagem, uma *troupe* equestre, gymnastica e acrobata.—Os artistas do Gymnasio continuam no Alemtejo, favoneados bizarramente pelos chronistas da imprensa local; e os de D. Maria enriquecem no Porto, o novo Brazil das companhias dramaticas lisbonenses.

A proposito: na elegantissima sala do theatro normal foi supprimida a orchestra.

Esta subita resolução da empreza obedece, sem duvida, a principios de economia e de bom gosto muito attendiveis, mas é de crer que o publico a aceite contrariado e que os orchestrantes supprimidos se revoltem.

=O caso repugnantissimo da Marqueza e do Abelardo, essa historia immunda, que o naturalismo pouco edificante da *reportage* explorou dias seguidos, com uma tenacidade fóra dos seus habitos, já hoje começa a perder todo o interesse primitivo e a ser narrada com menos luxo de pormenores zolalianos.

Tout passe, tout casse, tout lasse.

E ainda bem que os *reporters* se cançaram.

A chronica chegou a enternecer-se diante d'aquelle drama asqueroso, vendo uma pobre senhora de raça illustre e uma formosa criança de fascinadora belleza expostas ás brutalidades d'um Abelardo qualquer. Não attentou no que tinha de condemnavel a paixão vehemente da fidalga sensual e libertina; não quiz prescrutar todas as podridões d'aquelle *ménage à trois*, immoralissimo na essencia, torpemente caracterisado por nojentas promiscuidades defesas a todos quantos teem uma ligeira noção do que seja honra e decoro; não sondou o lado mau d'aquelle monstruoso connubio entre uma mulher desvairada pela febre d'impuros amores, e um libertino cheio de vicios immundos, envenenando com os seus halitos pestiferos a alcova virginal d'uma creança immaculada.

A chronica fechou os olhos a tudo isso; não viu mais que duas victimas indefezas, e teve compaixão de ambas, porque eram mulheres, e commoveu-se ingenuamente, quando lhes escutou as declarações lacrimosas, feitas em face da policia investigadora.

Hoje, porém, que essas *victimas*, se transformaram em cumplices do seu algoz, amaldiçoado na vespera, enviando-lhe missivas apaixonadas, dizendo-lhe em *duo* repugnante, na imprensa e fóra d'ella, que o amam e que o abençoam cheias de saudade intensa, hoje, a chronica enoja-se de escrever os nomes d'aquelles estranhos personagens contaminados pela lepra da mais abjecta corrupção; deixa o picador aventureiro entregue ás justiças que o pronunciaram sem fiança, e penitenceia-se pela ingenuidade com que formulou os seus primeiros juizos ácerca das desventuras da mãe e da innocencia da filha.

Lá fóra, o cholera gangetico prosegue impavidamente na sua obra devastadora.

Os tolonezes morrem ás duzias, e os seus compatriotas de Marselha caem ás centenas, fulminados pelo flagello assassino. Cada telegramma da agencia *Havas* registra uma hecatombe; os boletins dos hospitaes francezes parecem echos sinistros de mortiferas batalhas.

Em varios outros pontos do Meiodia da França, as estatisticas mortuarias fallam d'um ou outro caso fatal, no seu laconismo funebre e tristonho. Morre-se menos que em Marselha e Toulon, é certo, mas emfim, sempre se vae morrendo, a despeito de todas as medidas prophylacticas que os conselhos municipaes adoptam, e de todas as declamações retumbantes que os padres-mestres da sciencia expectoram.

Entre nós, mercê de Deus, está-se desenvolvendo uma actividade febril em levantar barreiras inexpugnaveis contra a invasão do microbio cholerico. Faz-se mais: discute-se largamente, na imprensa periodica, se o vocabulo *cholera* é macho ou femea.

Querem uns que elle seja classificado entre as coisas masculinas, por ter a fealdade propria do sexo forte. Teimam outros que não, que deve ser feminino, e alguns, mesmo, attribuem-lhe o genero neutro.

No torneio grammatical entraram um poeta lyrico, um medico publicista, um publicista medico e um polyglotta classico.

A poesia, dada a ternuras pelo bello sexo, como é natural, queria que se dissesse *a cholera*, com excellencia, dom e titulo de nobreza. O classicismo vernaculo e a medicina auctorisada, apoiando-se em Littré e Fr. Domingos Vieira, negam todos os fóros de dama ao cholera indostanico, apresentam-nos o flagello como indigno dos respeitos e da consideração que se devem a uma senhora.

N'isto, ao menos, devem concordar que levamos a barra aos Koch, aos Fauvel e aos Drasche lá de França, que só teem discutido se o mal é *asiatico*, *sporadico* ou *nostras*, sem chegarem a um accordo definitivo sobre o assumpto.

E chamam a Portugal o Paraguay da Europa!

=A população de Paris anda preoccupada.

Segundo escreve um chronista da grande capital, ha ali duas palavras que correm de bocca em bocca, escapando-se de todos os labios:—*microbio* e *desinfectante*. A primeira é proferida com terror, a segunda com esperança. Como vem o microbio, onde se gera, para onde vae, qual é a sua força mortifera? Taes são as perguntas que se ouvem a cada passo, nos *trottoirs*, nos *boulevards*, nos cafés e nos theatros.

A epidemia occupa de tal modo as attenções de Paris, que o *garroche* esqualido das ruas passou a denominar-se *microbio*, e as *horizontaes* receberam o cognome epigrammatico de *marselhezas*, por trazerem comsigo o cholera .. do amor.

Em muitos estabelecimentos, ha grandes taboletas onde se lê: «Vende-se por dez francos um apparelho desinfectante.»

Tudo se desinfecta: as roupas, as carruagens, os carros americanos, as flores, o Sena, até as proprias palavras. As mulheres, em vez de andarem enfrascadas em *opoponax*, tresandam a acido phenico; em lugar de perfumarem o lenço arrendado com *marechala*, salpicam-o de chloro amarellento e suffocante.

Horror!

Fervilham os perservativos e as receitas contra a peste asiatica.

Para findar, apresentaremos esta, que nos foi aconselhada por um medico folgasão.

«Trazer o espirito sereno, o ventre livre, e os pés quentes; não comer pimentos nem salada de lagosta; não escutar massadores nem dar ouvidos a imbecis; evitar leituras tristes, e renunciar ás doçuras do matrimonio durante a estação calmosa.»

C. DANTAS.

M.

Como eu te adoro assim: olhando o mundo immenso
Sem lhe temer o olhar, e forte entre as mulheres;
Soffrendo por amar um soffrimento intenso;
Crendo sómente em mim; q'rendo eu o que tu queres!

Tu tens dentro de ti algum vulcão em chamma,
Um Vesuvio de amor, que irrompe da cratera
Do teu formoso olhar, que sobre nos derrama
Os impetos febris da languida chimera.

Quero viver assim, bebendo nos teus labios;
Ouvindo a tua voz por entre a tempestade;
Gosando o muito amor da nossa mocidade;
Deixando discutir os que se dizem sabios!

Tu tens no coração o amor das outras eras,
E esses lances fataes, os da tragedia grega,
Que cravam um punhal, amando como feras,
N'uma paixão feroz, arrebatada e cega.

Sonhou o poeta inglez a tua natureza
No contraste que vae de Othelo a Julietta,
Mas adoro-te assim na olympica fereza,
Que o meu amor transforma em timida violeta!

SERGIO DE CASTRO.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

I

A DOENÇA

Luiz Galvão de Vasconcellos está moribundo. Uma subita e quasi desconhecida enfermidade prostrou em poucas horas o grande orador, o luctador energico, o estadista eminente. Acabava de conquistar mais um triumpho parlamentar dos mais notaveis. A sua palavra, vibrante de commoção, illuminada pelo fogo do mais acendrado patriotismo, fizera vacillar o ministerio, que ainda não podéra readquirir a força e o prestigio. Parecia imminente uma crise, e o partido, que tinha a honra de contar entre os seus chefes o conselheiro Galvão de Vasconcellos, preparava-se para voltar triumphante aos conselhos da corôa. Galvão de Vasconcellos, que já fôra por duas vezes ministro, ia ter de certo agora a presidencia do conselho. Foi então que de subito correu em Lisboa esta noticia: Galvão de Vasconcellos está moribundo.

A noticia voou com a rapidez do raio e causou assombro geral. Ainda na vespera o tinham visto sair triumphante das camaras, rodeiado dos seus amigos politicos, radiante com o jubilo do triumpho e com a face illuminada pela rosea côr da saude, que se via apenas agora que era a purpurea côr da febre. Como acreditar em tão repentina transformação? Os seus amigos politicos, sobre tudo, sentiam-se perturbados e afflictos. Quem o havia de substituir na presidencia do conselho? Que voz possuia no parlamento auctoridade egual á sua? Todos correram a saber noticias. A rua em que morava atulhou-se de carruagens. Foi necessario deitar casca de carvalho sobre a calçada para amortecer a bulha das rodas, que atormentava o doente. Apinhavam-se todos á porta do quarto a querer fallar ao illustre enfermo, e o medico, um amigo intimo do estadista, que luctava desesperadamente contra a morte, vira-se obrigado a affastar violentamente os mais intimos amigos, declarando que não consentia quo elle fallasse a pessoa alguma. Todos se offereciam para o velar, para o tratar. Pois se elle não tinha familia! uma sobrinha apenas, uma santa menina, orphã de pae e mãe, que rodeiava a doença do grande homem de todos os cuidados, de todos os desvelos, de todos os carinhos, que uma mulher, seja qual fôr a sua edade, encontra sempre no thesouro inexgotavel do seu coração instinctivamente maternal.

Então os amigos, inquietos sempre, refugiaram-se n'uma sala distante, declarando todos que estavam promptos para tudo o que d'elles se exigisse. A noite desceu entretanto, e no quarto silencioso ficaram apenas, á luz suave de uma lampada velada, o doente que mal dava accordo de si, Helena, a sobrinha dedicada, o medico que vinha de quando em quando, nos bicos dos pés, tomar o pulso ao doente, e trocar com a enfermeira algumas palavras em voz baixa, e um galgo fiel que, aos pés da cama, estendia, por sobre as patas dianteiras, o seu focinho intelligente e fino.

Na sala distante os amigos conversavam, preoccupados e tristes. Chegava a cada instante á porta uma nova carruagem. Ouvia-se o surdo rumor das rodas, o ruido secco do travão, depois sentiam-se passos na escada, amortecidos pelo tapete, e um creado, de casaca, e de apparencia lugubre, introduzia na sala um novo visitante.

—O Luiz Galvão? perguntava o recem-chegado, dirigindo-se ao general Mendes Nogueira, que devia tomar a pasta da guerra no ministerio que se projectava.

—Mal! Muito mal, meu caro amigo.

—Mas o que é a doença?

—Eu sei lá! Os medicos pronunciam uma serie de nomes gregos, com que substituem n'estes casos uma palavra latina muito simples e muito curta: *Nescio*.

—Mas é perigosa a situação?

—Perigosissima. O nosso pobre Vasconcellos não torna a pronunciar na camara um d'esses discursos monumentaes, como o que proferiu ha tres dias.

N'isto abriu-se a porta e entrou um novo visitante.

Apertos de mão, comprimentos em voz baixa, e o interrogatorio recomeçou.

—O Luiz Galvão?

—Mal. A temperatura do corpo está subindo n'uma proporção assustadora.

Mais alguns pormenores. Depois um silencio.

—Pode-se fumar? dizia o recem-chegado abrindo uma charuteira.

—De certo. O quarto fica longe . . Homem, esses charutos teem cara de ser legitimos havanos!

—E são. Foi um presente do ministro hespanhol. Quer?

—Dê cá sempre.

Veiu uma vella. Accenderam-se os charutos. Depois um silencio, cortado por alguns suspiros, e pelo rumor abafado das conversações.

—E que se diz por ahi? perguntou o general Mendes Nogueira, balanceando-se n'uma poltrona.

—O diabo. O ministerio agora julga-se forte, e está muito resolvido a prolongar a sua existencia, respondeu o deputado Albergaria.

—Forte porque? bradou Mendes Nogueira n'um tom mais alto do que convinha. Julgam por acaso que a morte de Luiz Galvão desarma o partido?! Estão muito enganados!

—O que é certo é que é uma perda irreparavel, murmurou o Albergaria.

—Não ha perdas irreparaveis. Um partido que tem força no paiz encontra sempre homens á . .

Empurrou-se a porta discretamente, e entrou um novo visitante.

—O Luiz Galvão, como está? perguntou elle.

—Bem, muito obrigado, respondeu distrahidamente Mendes Nogueira... á altura das circumstancias, concluiu elle energicamente.

—Então era falsa a noticia da doença? perguntou espantadissimo o recem-chegado.

—Qual doença?

—A doença do Luiz Galvão.

—Homem! o Luiz Galvão está a morrer. Quem é que lhe disse que era falsa a noticia?

—O proprio general. Pois não acaba de me affirmar?...

Os circumstantes desataram a rir. O general fez-se vermelho como um pimentão.

—Desculpe, meu caro conde, desculpe. Este fatal acontecimento . A commoção . Sim, sim . o nosso pobre amigo caminha a passos agigantados para a sepultura. Quarenta graus marcava ainda agora o thermometro axillar. Ah! que perda, meu amigo, que perda! E n'estas circumstancias então!...

—E' verdade. As circumstancias são gravissimas.

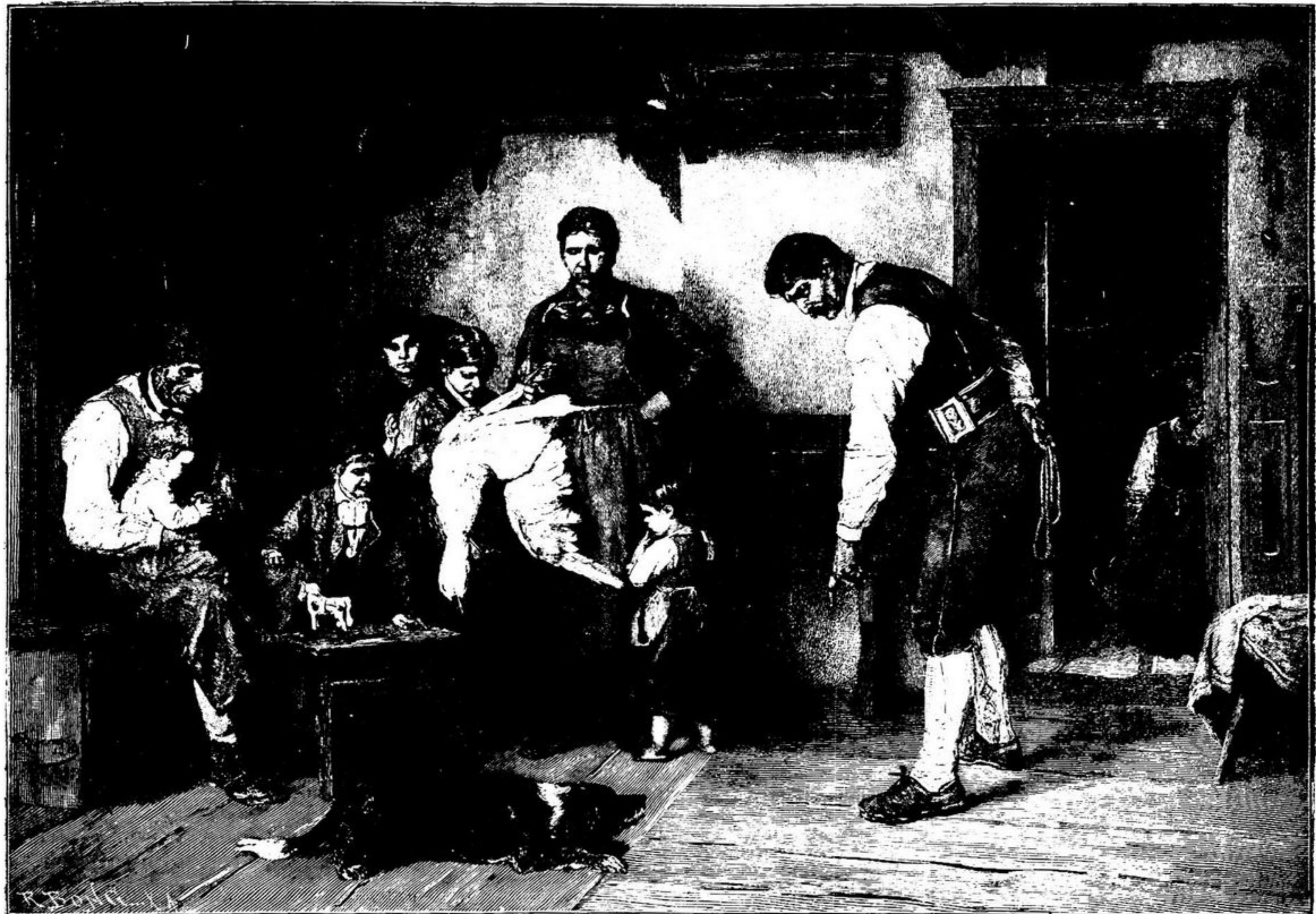
—E o que se diz por ahi? continuou o general. O que ha de novo? E' verdade o que diz o Albergaria que o ministerio procura sustentar-se?

—Não sei, mas o que ainda agora corria com toda a insistencia era que el-rei mandára chamar ao Paço os presidentes das duas camaras.

—Ah! sim! exclamaram alegremente umas poucas de vozes, e arrastaram-se cadeiras, e conchegaram-se com os olhos ardentes e avidos todos os amigos do moribundo.

—Effectivamente, observou o Luiz Vianna, redactor principal do jornal que era orgão do partido, eu ainda agora passei por defronte da casa do presidente da camara dos pares, e elle tinha a carruagem á porta.

—Ah! dizia um.

—Véem vocês? exclamava o Mendes Nogueira.

O JULGAMENTO (Quadro de Francisco Defregger)

A QUEDA DO PALHAÇO

Copia d'um quadro de Antonio Lonza

O REGRESSO Á TERRA NATAL (Quadro de Frederik Brülse)

—Pois era de prever, gritava o Albergaria.

—Ora adeus, meu amigo, exclamou um rapazinho petulante, esperança do partido, que se estreiara com o *high-life* e já se ensaiava tambem com a sua bisca politica. O marquez tinha a carruagem á porta porque ia ao jantar do nuncio.

—Ora é melhor que o menino se calle, redarguiu Luiz Vianna, que embirrava com o pequeno por elle escrever n'outra folha e apanhar mais noticias. Sabe que horas eram quando eu vim para aqui, d'onde não tenho sahido? Eram quatro horas. O marquez ia a essas horas para o jantar do nuncio?

—Ah! de certo que não, gritou o Mendes Nogueira. Que lhes dizia eu, meus amigos? Temos crise.

—E' inevitavel, bradava o Albergaria.

—Pois olhe! dizia o jornalista *en herbe* para o Luiz Vianna. Você está aqui ha tres horas, mas as noticias lá da sua gazeta nem por isso são mais exactas.

—Quer que sejamos terroristas, não é verdade? O que admira é que o Trigueiros admitta na redacção da *Voz da Liberdade* fedelhos como você.

—Então, meus senhores, então, disse o Mendes Nogueira, que, no meio da conversação animada que se travava por todos os lados, percebeu a altercação que principiava.

Mas n'isto abriu-se a porta, e appareceu no limiar uma elegante figura feminina.

Era Helena, pallida, com os lindos olhos castanhos inundados de lagrimas.

Todos se calaram. Uns esconderam os charutos, os que estavam proximo da janella deitaram-n'os á rua.

—O Luiz como está? perguntou com sincero interesse o Mendes Nogueira, emquanto os outros, meio envergonhados, se approximavam anciosos.

—Ah! meus senhores, disse ella com voz tremente, desculpem-me, mas, apesar de toda a sua boa vontade, o rumor das suas vozes chega ao quarto e produz no doente a mais terrivel agitação. Já é tarde, os criados mesmo estão fatigados. Se...

E parou hesitante.

—Nós vamo-nos embora, disse apressadamente o Mendes Nogueira. Mas, se houver alguma novidade, mande-nos chamar, peço-lhe.

—Sim, meus senhores, sim.

Sahiram todos nos bicos dos pés, mas, ao metterem-se nas carruagens, diziam:

—Ora a lambisgoia! O que ella quer é affastar de casa os amigos provados e dedicados do tio.

E, Helena entretanto, desaffogava em lagrimas a dôr immensa que a opprimia. Mas teve de as enxugar á pressa para entrar com rosto risonho no quarto, porque um criado lhe veiu dizer que o doente a chamava com instancia.

—Helena! Helena! murmurava Galvão de Vasconcellos, recusando-se a tomar um remedio que o seu amigo medico lhe offerecia.

Helena approximou-se.

—Só o quer tomar da sua mão, disse-lhe o medico, sorrindo. Está perfeitamente uma criança.

—Então, meu tio, murmurou Helena com a sua doce voz, tenha juizo. Então não querem ver o sr. presidente do conselho a precisar que ralhem com elle, como se fosse uma criancinha pequena? Vá, tome este remedio, que lhe faz bem.

—Foram-se embora? perguntou com voz debil Galvão de Vasconcellos.

—Foram, sim, meu tio.

—E que não voltem. Não quero cá ninguem.

—Sim, meu tio, sim.

E, ajudando-o a erguer-se um pouco na cama, chegou-lhe aos labios o copo do remedio, amparando-lhe com o outro braço a cabeça.

Luiz Galvão bebeu, e deixou cair a cabeça para traz.

Helena quiz tirar docemente o braço.

—Não, murmurou com voz infantil o conselheiro.

Helena parou, e d'ahi a instantes, a respiração regular do doente mostrava que viera emfim um somno placido e regular.

O medico chegou-se de novo:

—A noite ha de ser melhor, disse elle. Eu vou aqui para fóra descançar tambem um pouco, para vir depois rendel-a.

—Vá, doutor, vá, mas eu não preciso que me renda.

O medico affastou-se, sorrindo docemente.

Ficou silencioso o quarto. Helena, em pé, sentia as lagrimas a correrem-lhe pela face. Vasconcellos dormia com a cabeça encostada ao braço da sobrinha, com uma das mãos pendente para fóra da cama.

E o galgo, que se approximára tambem, lambia brandamente essa mão abrazada pelo calor da febre.

PINHEIRO CHAGAS.

O LYRIO NO PANTANO

...«Comprehendeste, minha querida irmã? Hoje, que és uma senhora casada, ha cousas que eu posso dizer-te e que tu podes ouvir... que podes mesmo repetir. A primeira vez que estiveres com a tua amiga de collegio, a menina Lucinda, dize lhe que a divina graça, a graça que fulgura nos olhos dos anjos, illuminou o meu espirito. Não te restrinjas no capitulo das indiscripções... adivinha e transmitte o que eu não ouso confessar. Dou-te carta branca e subscrevo de antemão a tudo que escreveres... mesmo que a tua pequenina mão tenha o bizarro capricho de traçar, com a sua bella calligraphia ingleza, a terrivel palavra CASAMENTO!

«Noto o teu assombro.. Que queres? mais tarde ou mais cedo, tinha de ser. O que posso assegurar-te, a ti e a Lucinda, é que nem as minhas rapaziadas nem os meus epigrammas á Beaumarchais, obstarão a que eu seja a perola dos maridos.

«Teu irmão muito amigo.

Mauricio »

No momento em que Mauricio fechava a carta, um creado entrou, e entregou-lhe um bilhete de visita.

—Mascarenhas? fez Mauricio, lendo o bilhete. Não conheço, é o mesmo, manda entrar.

Um homem de cincoenta e tantos annos entrou, apertado em uma sobrecasaca correcta, illustrada com uma rozeta vermelha. Comprimentaram-se, com a grave circumspecção de pessoas que não se conhecem.

De repente, Mauricio desatou a rir:

—Ora espera, se não me engano é o Paulo!..

—Em carne e osso.

—Estás rico, ein? Podéra! não se empresta impunemente a 40 por cento. E a batota, ainda rende? Sempre foste ao Brazil? Mas tu não te chamavas Mascarenhas? Onde pescaste o nome e o habito, grande scelerado?

—Mauricio, volveu o interpellado, cofiando a suissa grisalha, o homem que tem na sua presença já não é o mesmo que conheceu ha dez annos...

—Percebo, interrompeu Mauricio, accendendo um charuto e recostando-se no fauteuil, recolheste á vida privada, resolveste offerecer a Deus o que não podias continuar a dar ao demonio.

—Não! cortou, muito austero, o recem-chegado. Regenerei-me, eis ahi tudo!

—Os meus parabens, retorquiu Mauricio, zombeteiro.

—Estás arruinado, não é verdade? perguntou Paulo á queima roupa, assentando-se na cadeira que não lhe tinham offerecido.

—Porque? Vens propor-me um dos teus emprestimos, á Syllock?

—Tambem não! Venho propor-te um casamento.

—*Trop tard*, carissimo. Empenhei a minha fé.

—Se me permittes, advogarei a causa da minha cliente?

—Recebeste esportula?

—Poupa-me os teus sarcasmos, e ouve. A noiva que te offereço é bonita, rica, bem educada, e, como se não fosse bastante, está apaixonada por ti.

—Porque? ella conhece-me?

—Tanto como tu a ella. É uma amiga de tua irmã, amiga de collegio. Encontraram-se ha um mez, no dia do casamento da sr.ª D. Laura.

—Dar-se-ha o caso, que te refiras a sr.ª D. Lucinda?

—Adivinhaste!

—Não te occulto o meu assombro. A que titulo vens tu propor-me a mão da sr.ª D. Lucinda? Quem te confiou essa incumbencia?

—Lucinda é minha filha.

—Tua filha! exclamou Mauricio pondo-se em pé, pallido como um cadaver. Ora vamos, estás gracejando.

—Não estou. Chamo-me Mascarenhas, embora tu não me houvesses conhecido senão sob o nome de Paulo Martins. Substitui o appellido de meus paes, em virtude de razões que não são para aqui. Não sou nem um assassino, nem um ladrão. Se duvidas, apresentar-te-hei folha corrida. Trabalhei por espaço de muitos annos, a meu modo. Tive casa de jogo, tive casa de penhores, descontei lettras, fui agiota e usurario, não nego. Apesar d'isso, não houve nunca o menor contacto entre mim e a justiça, e salvei intacta a minha probidade. Luctei, fui ao Brazil, não hesitei em acceitar todas as especies de negocios; desprezei os escrupulos idiotas dos mediocres; gastei a vida n'essa fornalha incandescente que se chama trabalho, consegui enriquecer... E sabes porque fiz tudo isto? Porque tinha uma filha! Desejava que ella fosse feliz. Só o dinheiro poderia conquistar-lhe a felicidade. Lucinda tinha dois annos quando sua mãe morreu. Mandei-a para o melhor collegio de Lisboa. Não olhei a despezas, juro-te! Recommendei que fizessem da minha Lucinda uma senhora perfeita em todo o sentido. Minha filha falla francez, italiano e inglez, toca piano, canta, pinta. Que mais te direi, a ti, meu amigo, que a conheces? Lucinda é adoravel; além d'isso, levará a seu marido um milhão em dote!..

—Nunca imaginei, interrompeu Mauricio, ironico, que o jogo rendesse tanto!

—Lucinda, continuou Paulo, poderia fazer um casamento de conveniencia e aspirar a um titulo... Mas, n'este mundo não ha nada perfeito! Minha filha gosava saude, não era romantica, era vaccinada: de repente, atacou-a uma doença terrivel, o amor que lhe inspiraste! Quer por força casar comtigo, que gastaste até ao

ultimo real o teu patrimonio, e annullaste, por estravagancia, a tua carreira! Tentei dissuadil-a, confesso. Tudo foi inutil! Ou casar comtigo, ou recolher-se a um convento, o que me mataria de desgosto. Ora aqui tens porque me vês em tua casa, ridiculo como um pai de comedia, arriscado a representar o burlesco papel do sogro Poirier!

—Só te esqueceu uma cousa, volveu Mauricio com as sobrancelhas franzidas: perguntares-me se eu estaria disposto a representar o papel do genro. Recuso!

—Recusas! exclamou Paulo, consternado. Mas então, o que queres tu que eu faça?

—O que quizeres. O unico pezar que experimento é o de perturbar a felicidade da sra. D. Lucinda. Espero, porém, que tua filha ha de resignar-se.

—Juro-te que minha filha é sufficientemente tola para morrer por ti!

—Distrahe-lhe o espirito. Leva-a a Paris. Não dispões tu do supremo poder:—o dinheiro?

—Mas emfim, qual é o motivo da tua recusa?

—Ah! ainda não percebeste! Exiges que eu ponha os pontos nos iii? Tua filha é encantadora, convenho. Na occasião em que tu entraste, escrevia eu isso mesmo a minha irmã, acrescentando . E agora, sabendo o que sei, poderia ainda amal-a e perdoar-lhe o ser tua filha, attendendo a que a cega natureza nos privou da garantia de escolhermos nossos pais. Mas o que eu não posso perdoar é a macula que o teu dinheiro poz na sua pureza. Queres desherdal-a? não podes! Seria preciso provar-lhe, tu, seu pai, que a origem da riqueza, adquirida por ti, ao fausto da qual ella está habituada, é deshonrosa! Tua filha está amarrada perpetuamente á riqueza, isto é á infamia. Porque o teu dinheiro é infame, meu pobre amigo, cousa de que tu nunca te lembraste. Julgaste que tinhas desempenhado á risca o teu dever de pai, adquirindo um milhão, á custa de varias industrias, mais ou menos illicitas, e atirando com elle para a *corbeille* nupcial de tua filha. Illudiu-te d'esta vez a tua apregoada experiencia dos homens. Acabemos com isto! O teu milhão repugna-me como os miasmas de um pantano. Diligenceia que tua infeliz filha ignore o motivo da minha recusa, e, quando ella esquecer o primeiro sonho da sua mocidade, escolhe-lhe um noivo á tua imagem e similhança!

*

Logo que Paulo saiu, cobrindo a retirada com um gesto de ameaça, Mauricio olhou para a carta que ficara sobre a meza. Em seguida, pegou-lhe, fitou-a longamente e queimou-a.

—Pobre rapariga, disse com expressão melancolica. Que culpa tem o lyrio se o acaso o fez nascer no pantano?

Guiomar Torrezão.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

É planta, esta mulher, que nos instrue—2—3
Este prefixo, que alimenta, dá prazer—1—2

J. M. Sousa James.

CARTA ENYGMATICA

Ex.mo sr. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

Conheço muito bem a primeira terra do 7, 5, 6, 3, 8; todavia agradeço a v. ex.ª o 7, 8, 4, 5, 6, 7, 2 que me mandou pelo 1, 8, 3, 2 do meu criado 4, 8, 1; e digo 1, 8, 3, 2, porque o deixou cair no 7, 6, 8, ficando em pessimo estado. Se eu fosse feroz qual 3, 5, 7, 2, punha-o em frente de um 1, 8, 7, 4, 5, 6, 7, 2, e não lhe conto nada... Partia o 4, 6, 7, 8 e eu ia para um *novo* 7, 5, 4, 6, 7, 2 *afogar* as magoas pelo crime commettido.

E sou De v. ex.ª etc.
4, 6, 4, 8 7, 8, 1, 5, 6, 7, 2.

F. A. de Mattos.

PROBLEMA

Um homem tem 5 calças, 8 colletes e 7 casacos. De quantas maneiras differentes se póde apresentar vestido em publico?

Moraes d'Almeida.

A RIR

Lili, que faz progressos na Historia Sagrada, procura esclarecer alguns pontos obscuros da lição.

—Dize-me, papázinho: porque foi que Jesus Christo appareceu primeiro ás mulheres do que aos homens, quando resuscitou?

—Porque desejava que a noticia se espalhasse mais depressa.

Um Dominó.

ENYGMA

N.º 4

SALTO DE CAVALLO (*)

por	pri	con	d'is	tu	se	tu	es
cei	to	ra	A (1.ª)	ta.	era	do	e
mei	si	to	o	jun	vês;	da	va
tu	ra;	e	só,	po	bem	tas	tu
cia	em	do,	pu	a	si	tem	e
a	quar	tro	qua	no	re	se	tens
qua	Ter	é	só	cho	da,	sa	cor
ta	gua	de	pés.	man	que	bi	gun

Miguel.

(*) A solução do enygma é uma charada enygmatica.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª — Protonauta
2.ª — Salmão

Do logogripho:—Namorado.

Do problema:—A mulher de Pedro é Suzanna, a de Paulo é Martha e a de André é Catharina.

Do enygma pittoresco n.º 3:—A mocidade é a quadra mais feliz da vida do homem.

UM CONSELHO POR SEMANA

Acontece-nos muitas vezes, por mero descuido, manchar certos papeis de importancia. Eis aqui um meio simples de remediar este mal: cobrem-se ligeiramente os dois lados da mancha com argila branca, reduzida a fino pó por meio da dilatação, e conhecida, nas drogarias, pelo nome de *terra bolar branca*. Sobre esta camada de argila colloca-se uma folha de papel, e põe-se o todo debaixo d'uma prensa.

Passadas 24 horas renova-se a operação, e as manchas terão desapparecido completamente.

AS NOSSAS GRAVURAS

ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE E LESTE

A primeira pedra d'este bello edificio foi lançada em outubro de 1862, concluindo-se as obras no 1.º de maio de 1865. O risco e direcção dos trabalhos foram incumbidos aos engenheiros Arribas Ugart, João Evangelista d'Abreu e Leerenier, e ao constructor Appermann.

Custou o edificio 250:000$000 réis.—Tem quatro frentes, 135 metros de comprimento, 50,m40 de largura e 13 metros d'altura.

A grande nave mede 117 metros de comprimento, 25,m60 de largura e 13 metros d'altura.

O tecto do edificio é todo de ferro, com vidraças ao centro.

No pavimento terreo estão distribuidas as salas de bagagens, do chefe da secção, da sahida dos passageiros, da alfandega munici-

pal, da fiscalisação do governo, do serviço de saude, do telegrapho, do chefe da estação, dos cafés e *restaurant*, de *espera*, e o *salão real*. No andar nobre as secretarias.

Todo o edificio é illuminado por 173 candieiros de gaz.

O JULGAMENTO

(Quadro de Francisco Defregger)

O acontecimento foi grave e fez com que a familia inteira se reunisse em tribunal.

Aquelle pato corpulento e anafado reservara-se desde longos mezes para constituir o prato de resistencia, no jantar d'annos da Luizinha, o *enfant gâté* da familia. Pezava não sei quantos kilos o bicho. Uma verdadeira perfeição de carnes tenras e gordurosas!

Vae senão quando, o cachorro do *Tigre* investe com elle no quintalejo, ferra-lhe os dentes aguçados no pescoço, e era uma vez o pato com arroz do banquete festivo!

Os pequenos lamuriaram: a familia toda alvoroçou-se; houve idéas de expulsar o *Tigre;* chegou-se mesmo a pensar na pena de Talião, mas afinal, o supremo juiz da familia limitou-se a applicar uma boa sova no reu.

É de crer, no entretanto, que o poder moderador, representado pelo garotito da esquerda, condoendo-se da attitude humilissima do pobre *Tigre*, consiga abrandar as iras do pae.

No fim de contas, será melhor assim: o que não tem remedio, remediado está.

O REGRESSO Á TERRA NATAL

(Quadro de Frederik Prölss)

Um quadro de familia, notabilissimo pela encantadora verdade e poetica singeleza que d'elle resalta.

A filha d'aquelle honrado burguez, que a nossa bella estampa representa, casara havia annos, affastando-se com seu marido para longes terras. Agora regressa, contente e feliz, ao lar onde nasceu, e conta ali passar alguns dias, matando saudades intensas que a devoravam.

Não veio, porém, só. D'esta vez fez-se acompanhar de uma pequenina fada de seis annos gentis, de uma doce filhinha, primeiro fructo adoravel dos seus risonhos amores, e reproducção fidelissima do seu rosto angelico.

A creança é o enlevo dos avós, o foco estremecido para onde convergem os olhares e as caricias de todos os membros da familia.

Vejam como avô, tias e servos a contemplam, fascinados por tanta meiguice e tanta formosura!

A QUEDA DO PALHAÇO

(Copia d'um quadro de Antonio Lonza)

Termina quasi sempre assim a existencia aventurosa dos saltimbancos d'officio, uma existencia cheia de perigos enormes, em que os miseros não attentam, embriagados pelo *brouhaha* estonteador das ovações do Circo.

Basta cahir das incommensuraveis alturas onde o fragil trapezio balouça, e lá se vae tudo, e lá se definham, no catre humilde do hospital, todas as esperanças, todos os sorrisos, todas as glorias, se é que algumas affagam a vida arriscadissima e miseravel do pobre palhaço.

Do hospital á cova o caminho é curto; transpõe-se n'um instante, como n'um instante se passa da arena cheia de luz e de ruido para o leito mortuario envolto em sombras densas. Depois, ninguem mais se recorda do infeliz artista, que alegrava as multidões: o seu nome apaga-se rapidamente da memoria de quantos o applaudiam... Nem epitaphios, nem demonstrações de saudade, nem uma lapide singela, ao menos, para lhe marcar a cova.

Aquelle, se morrer das consequencias da queda, não terá, talvez, a chorar-lhe o infortunio, os seus proprios companheiros de trabalho!

QUE TENTAÇÃO! (Quadro de Fr. Sonderland)

QUE TENTAÇÃO!

(Quadro de Fr. Sonderland)

Um feliz aquelle bichano!

Vivendo entre setins e rendas como qualquer pachá do Oriente, não lhe faltam caricias e confortos, aromas e ternuras. Á noite, enrosca-se no flaccido *édredon*, aos pés da formosa dona, previlegio que muitos elegantes do *sport* lhe invejariam de certo, e tem a suprema ventura de sentir o seu calor affagar-lhe suavemente o pello setinoso.

Durante o dia, aconchega-se pelos fôfos divans de velludo, e passeia a sua cauda de arminho pelas salas atapetadas, n'uma ociosidade de principe.

Todavia, o feliz animalsinho sente que lhe falta alguma coisa para disfructar uma ventura completa.

Ás vezes vão encontral-o namorando uma gaiola dourada, que pende do tecto, no *boudoir* da dona gentil, a mesma gaiola que esta lhe mostra agora, e que elle contempla embevecido, n'uns extasis demorados e ternos.

Se a fragil porta d'arame se abrisse... se a bella avesinha côr de oiro, que lá dentro gorgeia, encarcerada, saltasse cá para fóra...

Que tentação aquella! C. D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA